

O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente
José Carvalho

Director
Antonia Salles

Secretario
Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Fortaleza, 31 de Agosto de 1896.

NUM. 32

EXPEDIENTE

“O PÃO”

Revista de Litteratura e Arte.
Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	\$500

Só se accitam pedidos de assignaturas para fóra desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major Facundo n. 4.

Aviso especial

Em vista da distribuição geral que resolvemos fazer deste n.º O PÃO, ficam consideradas assignantes as pessoas que o não devolverem, no prazo de tres dias, a Lithographia Cearense, rua Formosa, n. 66.

SUMMARY — Os Quinze dias, Moacyr Jurema; Rimas, Antonio de Castro, Edmond Goncourt, Antonio Salles; Visão bendita, Sabino Baptista; Brios, Cariry Bratina; — Dornas, José Helder; Em villegiatura, Antonio Salles; Imprensa litteraria, Salyro Alegrete; — Presente, Roberto de Alencar; — Historia de um rapto, Rodolpho Theophilus; — Bibliographia, S. R. e M. Carteira.

OS QUINZE DIAS

Andamos a sentir gosto de sangue na sopa de macarrão e no venmouth de Torino, depois que a questão dos protocolos começou a encandecer os animos illo-brasileiros.

Tem sido um ajuste de contas ruidoso e fecundo em taponas e cuteladas.

Não é facil com effeito contentar um coador como a Italia, cujas finanças estão muito parecidas com as de uma pessoa que eu conheço.

O velho berço das artes Latinas depois que se metteu a fazer figura, honbreando com potencias de primeira ordem, anda mesmo numma quebra-dentro lastimavel.

É preciso, portanto, n.º entregando a mão nas reclamações diplomaticas que tenham de ser satisfeitas com outro.

Sorvil metal, apesar da sua riqueza, tem as propriedades fixas e sensíveis.

les para apagar affrontas mais ou menos phantasticas e o sangue derramado por alguma bala floranesa sem sobrescripto.

Mas os filhos de Romulus foram com muita sede ao pote, e vai a camara, como um só homem, atra-lhes com os protocollos pela janella.

E o tempo se fecha, o cacete troveja, espoucam revólveres, demittem-se ministros, esmurram-se deputados, queimam-se bandeiras... e os boatos agoirentos entram a corvejar sobre a paz nacional.

A pensar sobre a caso, olhei para os retratos que possuo dos tres Presidentes da nossa joven Republica e encarei o Sr. Prudente.

Dessa contemplação resultou a minha convicção de que o nosso primeiro magistrado não se parece nada com o facanhado negus Menelik.

E não é de parecência phisica que falo, pois não desejava que o Sr. Prudente tivesse a tez de azeitona, a beicola e a carapinha do heroe de Adua. O que quero dizer na minha é que o nosso presidente não tem cara de quem aguenta repuchos.

Qualquer dos dous mortos que estão a seu lado poderia, com o auxilio de Deus e da febre amarella, mostrar ao rei Humberto que Menelik não é o unico chefe de nação capaz de dar bordoadas no estrangeiro insolente e ganancioso...

Em todo o caso, Deus inspire o nosso chefe, que pelo nome não perde.

..

Abstrahindo das transcendentales questões internacionaes e servindo-nos com a prala de casa, vemos que a Fortaleza limpa-se pouco mas diverte-se muito.

Dança-se nos Clubs, e fazem-se kermesses... para os commerciantes irem comprar, visto como não acham quem va comprar em seus estabelecimentos.

Multiplicam-se os casamentos, e como quem casa quer casa, os proprietarios das ditas elevam o preço dos alugueis a alturas vertiginosas.

A politica local dormita e affecta tendencias de efficiente confraternização geral.

Na imprensa desaparecem combatentes, como o pobre *Diario da Ceará* que entrou a minguar, a minguar até extinguir-se como os corpos volatilisaveis. Outros entram na phase assustadora do quarto minguante ameaçando deixar o fructuoso jornalismo allumado somente pela luzero official.

E o *Andaraes*, novo Rhenus com sua

Loreley de... borrracha, continua attrahir os aventureiros cearenses ao seu pélago aurifugente e mortifero.

E não contentes com levar-nos braços, está tambem a nos levar cabeças sobre as quaes não quiz a Fortuna despejar aqui uma pequenina parcella das suas graças.

Após a gente que brande o machadinho vai seguindo a gente que brande a penna, pois desta tambem precisa a California brasileira.

Leva-nos todos a Amazonia e só restitue á terra cearense uma pequena porção profundamente deteriorada no physico e com a alma vasia de affecto pelo torrão natal.

E não te admires, leitor amigo, si quem escreve estas linhas se incorpore mais dias menos dias ao exodo que ha quasi vinte annos se encaminha para o norte, — triste procissão de aves viajeiras fugindo ás ferezas deste cão traicoeiro como sóem ser as mulheres formosas como elle e como elle cheias de luz, de vida e de calidas volupias estonteantes.

Que importa que chova, que nosso cão derrame as lagrimas puras das bategas vivificadoras?

O cearense está acostumado a ver chorarem os crocodilos a beira dos grandes rios profundos e mysteriosos, mas ja é bastante sabido para acreditar na sensibilidade desse reptil hypocrita e casudo.

Bem fez, pois, o nosso Arthurzinho que para lá se foi a tentar fortuna e fazer... o que foi fazer o João da Ega em seu parato e amado Celorico...

MOACYR JUREMA

RIMAS
A...

Porque te foste? Ao declinar da tarde Quando descem as sombras de vagar Da serra, e o sol lá no poente, que arde, Começa a se occultar.

Já não te vejo, feiticera e bella, Entre risos gentis, colhendo as flores Desbrochadas a margem do caminho Onde ando agora a soluçar sozinho Tendo a alma entregue a tantos dissabores, Tanta saudade, fugitiva estrella!

Ha muito que a deixara Eu não sinto, ai de mim! de ti o olhar — Esse suave e limpido luar Que aclarava, de leve, a noite escura De minha vida — branda luz tão doce Que da ausencia nas brumas occultou-se Pra nunca mais pra nunca mais voltar!

ANTONIO DE CASTRO

Edmond de Goncourt

Com 74 annos de idade, finou-se ultimamente em Paris, Edmond de Goncourt, uma das mais curiosas figuras das letras francezas neste seculo.

É impossivel falar deste escriptor sem trazer á sua historia a de seu irmão Jules, pois durante vinte annos elles formaram uma só individualidade litteraria, inteirica, indivisivel, amalgamando atomo por atomo seus gostos, idéas e sensações.

Bauville assim descreve esses sim-
mezes espirituaes:

«Almas estreitamente unidas e tecidas juntas, tanto que, por assim dizer, se percebe arfarem ao mesmo sopro de vida, elles possuem certamente a imaginação, o valor e a força creadora de dous escriptores distinctos. Mas querem ser e são effectivamente um só, por se terem habituado desde que existem e pelo mais adoravel sacrificio que um ser possa fazer a outro ser, a ver, a observar, a presentir, a imaginar e a pensar juntos, de um mesmo modo e ao mesmo tempo a palavra que pinta a phrase rythmada, as harmonias, os assomos da paixão e, enfim, essas subitas fagulhas de luz e de vida que são o que o artista, o poeta e o homem encerram de mais individual.»

Foi de collaboração e numa communhão intellectual quasi inconcebivel que os dous irmãos trabalharam até 1870, quando Jules, mais debil, tombou exaustado dos seus excessos cerebraes.

Estréaram os Goncourt com um estudo sobre a Arte no seculo XVIII, trabalho para o qual difficilmente encontraram editor e que teve pequeno numero de leitores.

Esse meio flasco aziumou-lhes o amor proprio, que novos golpes soffreu com a publicação do seu primeiro trabalho de imaginação, um romance intitulado *En 18...*

Um tanto abespinhados com essas revezes, elles não transigiram com o publico e se abroquellaram cada vez mais no intuito de cultivar o seu ideal artistico seguindo as impulsões de seu talento servido por um temperamento finalmente nervoso e aguçado por todos os requintes da vida contemporanea.

Como o estylo commun não se prestasse a dar a expressão palpitante das suas impressões, elles crearam um estylo proprio, inventaram

quasi uma lingua, como diz Lemaitre, adelgaçando, remodelando, e re-fundindo a lingua franceza até conseguirem «exprimir de uma maneira satisfatoria as mais fugitivas impressões, analyses que nunca ninguém havia penetrado tao profundamente, observações singulares que nunca se havia feito.»

A obsessão da Arte levava os Goncourt a passarem sobranceiramente sobre todas as praxes estylisticas, comtanto que a phrase lhes sahisse da penna com aquella vibratibilidade intensa que a vida exterior fazia repercutir em seus nervos de um melindre doentio.

Pasmasse o publico, reclamasse a critica, que elles com uma impassibilidade apparente e uma dolorosa agitação intima proseguiram na sua faina de traduzir com uma exactidão violenta e subtil os movimentos, as peripecias e as mais agudas sensações da alma moderna.

Esta attitude lhes valeu o serem considerados escriptores *à parte*, excentricos de todos os meios litterarios que atravessaram e que em vez de influenciar-los soffriam ao contrario a influencia dos seus processos, imitando a subtilidade do seu estylo, copiando-lhes a *écriture artiste* e aproveitando os «neologismos bisarros, as antitheses de palavras, os termos técnicos, as expressões da gíria e as phrases de atelier» que elles punham em circulação para chegar ao desideratum da sua atormentada esthetica—o effecto.

O effecto é o escopo raramente attingido na Arte. Que de esforços despense ás vezes o artista para produzir na pagina, na tela, no marmore ou na pauta, a phrase, o traço, o contorno ou a nota que produz esse arripio, essa surpresa, esse choque que se experimenta quando a obra de Arte nos dá a impressão exacta e forte da verdade! E quão poucas vezes elle o consegue!

De ordinario esse resultado se obtém *sem querer*, surge incidentemente quando menos o artista o espera, como o demonstrou, ou antes, como o assignalou Maeterlinck no seu interessante artigo—*O acaso na produção artistica*.

Ora, os Goncourt fizeram esta cousa extranha: forçaram esse acaso tão fugitivo e caprichoso a servir-lhes perennemente, a dar á sua phrase o brilho imprevisto que faz viver o objecto que ella pinta, a sensação que ella recolhe, o traço que ella reflecte.

E toda a sua obra de imaginação—*Sœur Philomène, Germinie Lacerteux, Mme. Gervaisais, Manette Salomon* etc., é escripta com essa precisão maravilhosa que lhes ensava as lancinantes torturas intellectuaes que produz a gestação artistica a retesar os nervos, a comprimir dolorosamente o cerebro encandescido.

Desse exaustivante trabalho mental, descançavam um pouco elaborando obras historicas, traçadas aliás num estylo sempre nervoso, sempre anhelante pela emoção artistica.

Para se conhecer a formação da individualidade dos dous irmãos, é preciso que se conheça o meio positivo em que viveram, e que foi o mais propicio ao desenvolvimento das tendencias do seu temperamento, como vamos ver.

Não tiveram felizmente os Goncourt que arcar com a pobreza, companhia inseparavel da maioria dos estreantes—por este lado gosaram elles da tranquillidade que traz a despreocupação da luta pela vida e poderam entregar-se completamente aos devaneios da sua fantasia.

Para serem de todo livres, para completar a independencia que lhes dava a sua abastança, renunciaram ao casamento, que consideravam manietador da absoluta liberdade espirital de que careciam para se entregarem de corpo e alma ao seu *demonio intimo*.

Pareceria egoismo este retrahimento si elle não tivesse por fim conservar-lhes o espirito nua alta concentração dos seus labores intellectuaes, no extase do seu culto fecundado pela Arte.

A Arte! Tudo falava della ao redor dos Goncourt.

Une *maison d'artiste*, que é a propria casa descripta por elles, nos revela um ambiente onde ella paira fluidicamente como os aromas, a suggerir idéas extremas de toda as chatezas da vida.

Possuam elles custosos colleções de objectos representando todas as artes plasticas e decorativas, preciosidades litterarias e mil curiosidades em cujo meio viviam a photographar dia a dia todos os phenomenos da vida todos os aspectos da sociedade.

Desse labor extenuante nos dá conta o *Journal des Goncourt*, uma especie de carteira de notas em que desde 1854 registavam diariasmente

as suas impressões e embogavam a traços ligeiríssimos figuras e factos contemporâneos.

Edmond trabalhava sózinho havia 26 annos, e a sua obra escripta desde então não destina da que produziu de collaboração com seu irmão: ella continuou a ser o repositório exquisito e delicado das impressões que o transcendente e atormentado artista colhia a observar a vida moderna na sua passagem estonteada, cêlere e ruidosa.

Agosto 1896.

ANTONIO SALLES.

Visão bemdita

Bemdita sejas tu entre as bemditas, esta visão humilde, fida e pura:
Deus te conceda as graças infinitas,
— tudo que o mundo encerra de doçura

Souham com o sacro templo da Ventura
as nossas almas tremulas, conflitas,
ó santa, eterna e doce creatura
que no meu ser eternamente habitas...

Si no caminho asperíssimo da vida
não te encontrasse, angelica querida,
onde me conforto a dor que me espinha?

Ah! com que inmensa e infinita alegria
eu vejo em sonhos me sorrir o dia
que hei de ser teu e tu has de ser minha!

— Agosto 1896.

SABINO BAPTISTA.

Brios

Em viagem pelo sertão, me foi preciso descansar, um dia, em um pequenino *orçado* cidade extincta nos confins de Pernambuco. Pedi hospedagem na primeira casa que encontrei habitada.

Pode-se arranchar!—me disseram quasi a um tempo duas mulheres, que appareceram, apenas me ouviram gritar *ah da casa!*

As duas—duas alas de casas sujas, esburacadas—desmoronavam-se em torno da Igreja, pequenino e secular templo, todo o anno fechado, e, raras vezes, aberto, para a missa do Natal.

Alguns habitantes, pobre gente de baixa condição, vegetavam ainda por sobre a ruína da cidade, outrora, muito florescente e muito prospera cabeça de comarca.

Desarreados os annuaes; depois que me vi instalado na minha boa e consoladora rede, armado a toda largura da pequenina sala—foi que pude volver-me attentosamente para os meus hospedes.

A familia toda por chefe um rapaz, alto, franzino, quasi imberbe.

Além de duas mulheres,—uma muito velha e outra muito feia—havia, digna de menção, uma rapariga de regular estatura, formos desenvoltas e cheias, testa um pouco estreita, olhos pequeninos, vivos e disfarçadamente facinhos.

Na maca esquerda do rosto notava-se uma molea, assulada formada por uma forte confusão

Pelo trato de casa, fiquei sabendo o seu nome a Zephia, pois que, era ella a pessoa mais importante da familia que lhe fazia referencias honrosas, chamava-a, com altivez a respeito de tudo, das pequeninas determinações da casa.

Em breve espaço de tempo, desfeitas as primeiras impressões,—as impressões não como a vista, quando de chofre penetramos numa casa que não conhecemos,—tuom-se turvas, de penetração difficilissima e cheias de uma involuntaria dôcunanga—em breve espaço de tempo, estabeleceram-se uma terna, mas animada, palestra na qual todos tomaram parte.

Pela conversação de todos avalliei dos dotes moraes de cada um. Ah! não devo me esboçar assim!—cavalier dos dotes moraes da familia em geral, porque, verdadeiramente, alli todos eram iguaes; tinham a mesma linguagem, os mesmos pensamentos e theorias, eram igualmente versados nos mesmos assumptos.

Para esclarecer a proposição do que fallava, apressava-se outro com um aparte prompto, elucidante. Muitas vezes ressaltavam acodadamente tres apares a um tempo, frisantes, completos, correspondentes a cada um dos meus hospedes.

Uma gente hospitaleira em excesso, talvez, e excessivamente parladora.

A principio offereceram-me mel de abelha muito fino, saborosissimo, umbiu—fructo silvestre daquelles sertões—depois, o jantar, mal preparado, mas nem por isso menos appetecivel.

Não me foi preciso holar nos alforços. Não se esgoltavam os assumptos: fallou-se da antiga florescencia da cidade, do vigario que alli morrera decrepito, das santas missões, chrimas, depois dos invernos, das secas, das criações.

—Ja soube o Senhor—interrompeu o rapaz—do ataque que soffremos *ontante*. Ataque? Não havia sabido, lhe respondi.

—Uma gente desgraçada—retrucou a velha: nunca lhe fiseamos mal nenhum neste mundo!

Estas palavras foram murmuradas n'um tom de raiva e despeito.

Todos, alternativamente, passaram a narrar-me a historia do attentado.

A' noite, á hora do costume, se haviam recolhido, quando ouviram tropel de gente (isto era descrito com as minimas observações—que não esperavam, não tiveram susto, quem não deve não teme etc, etc) depois bateram á porta com força, ameaçadoramente, com intimações injuriosas.

Tão brutos foram elles—disse a velha—porque nesta choupana nunca se negou abrir a porta a ninguém!

Qu'abririam—disseram os sitiaes—ou seriam arrombadas as portas e cosidos todos a punhala-fas.

Em taes condições, esmorecer seria peor, o rapaz revestiu-se de animo, lançou mão do haramite que possuia a um canto, e ululava-os a recuar quando a porta da cozinha cahiu ás machadadas.

A Zephia, com um cacete travou, buet, com dois dos aggressores e fel-os recuar.

Eu ahí, disse a Zephia apontando para a molea assulada da confusão, que levei esta pancada no rosto.

Os visinhos juntaram-se e trataram de acomodar o barulho.

Abri a porta, disse o rapaz fingido

modestia—e desafiei-os a chegar, não quiseram ou tiveram medo!

—Canalhas!

—Eram os Gabriel.

—E o que desejavam elles?—perguntar sem alinar a origem de tão arriscada desavença.

O rapaz calou-se e foi a velha quem se apressou a responder.

—O que desejavam?—Botar a Zephia de casa para fora, acental-a e correr com ella como se faz com uma cadella sem dono!

Comprehendi que se tratava, nem mais, nem menos que de uma deposição.

A velha com uma subtiliza admiravel contou-me a melindrosa origem do ataque.

O filho mais moço do abastado visinho Gabriel, passava amavelmente ali em sua casa.

—Porque a mimmo não tem amizade?—vem a nossa casa?—mablaram historias, levantaram falsos e foi por isso todo este barulho, meu senhor!

Gracias a minha perspicacia descobri que o implacavel visinho dos meus hospedes, resolvera fazer a deposição da Zephia como meio summario de voltarão intimas relações que pulzava por certo prejudiciaes e illicitas.

O rapaz sentia-se lsongado por ter cumprido o seu dever, detendo sua casa, fazendo recuar os aggressores.

Eu por minha parte, não pude conter em silencio a indignação e verberar o procedimento de um homem que quizera supprir na casa alheia o mais bello de todos os costumes humanos—a hospitalidade!

E, taes foram as nossas sympathias reciprocas, tantas foram as finézas que me prodigalisaram aquellas agradaveis creaturas, que, apesar da pressa de minha viagem, ahí me fiquei por tres longos dias recebendo agradecendo a mais completa hospedagem.

Até hoje, tão somente não me arrependi de o ter feito, como ainda experimento certa saudade de tão boa gente.

Ceará.

CARLOS FREYRE.

Doente

Todas as manhãs e em tardes calmas e limpidas, punha-se ahí, nessa janella, para elle, como tudo o mais era, aborrecida e triste. Debruçado no peitoril, ficava a olhar automaticamente as coisas e as pessoas; e assim via o tempo ir-se, sentindo sempre aquella hypocondria no corpo e no espirito.

A's vezes viuhm lhe impetos, de surdos despeito e inveja, nem sabia contra quem ao certo, reflectindo de leve que, havia já mais de um anno, estava detido em casa, sem poder fazer nada, sem ter vontade de nada.

E tudo lhe parecia aborrecendo apathico!

Na idade em que começa a abrir com todo o seu aroma, belleza e cor a rosa invejada da Moedade, sentia

se sem aspiração, o corpo e a alma quasi parados, vivos apenas porque não tinham ainda sido tocados da Morte.

A Morte! Às vezes lhe parecia que era melhor que ella viesse!

Quando este pensamento lhe rojava o cráneo estiolado, a commoção lhe surgia n'alma doente e a alma contrangia-se-lhe em arripios de tristeza — tristeza de pensar que assim tão joven poderia morrer...

E sentia vontade de chorar. As pupilas chegavam-lhe mesmo a nublarse, semi-contrahiam-se-lhe os labios como para annunciar o pranto. Mas só isto. E voltava a seismar indefinida e infinitamente, a seismar na sua vida, quasi odiando tudo, mysantropado pela doença.

Via os que tinham saude passar, repassar como que satisfeitos e envaldecidos da força e da vida que sentiam.

Via os de casa no trabalho diario; e estes subretido, quando se *cestiam* para *subir*, lhe faziam vêr que elle só não podia fazer o mesmo... E nessas occasiões ou enegrecia-lhe a alma uma queixa amarga, biliosa, ou enchiam-lhe o coração lagrimas de dor que não chegavam a saltar.

Em outras vezes apiedava-se, e a alma na postura da préce, seus olhos procuravam contrictamente o Céu e o perfume commovido da oração sentia evolvar-se-lhe do intimo para Deos, implorando saude.

A' noite a insomnia perseguia-o, mordida-o com raiva. Era com raiva tambem que todo elle resmungava, mechava-se na rede, suarento, exhausto, irritado com tudo quanto não o deixava dormir, um rumor qualquer—até o flebil respirar de sua Mãe, a sollicita, a santa mulher que mal dormia para poder apalpal-o de momento a momento a fim de que o suor não se lhe enxugassem no corpo esquelético e secco pela febre ethica...

Pois até o imperceptivel respirar de sua Mãe aborrecia-o, nevrotava-o em odio, dando-lhe por muitas vezes o desejo máo de ralhar-a, de levantar-se e batel-a. Quando a desvelada mulher accudia a um chamamento seo e perguntava qualquer coisa carinhosa, respondia-lhe com voz disfarçadamente rispida, irritado com tantos cuidados com que ella o confortava.

Mas quando o dia chegava enfim e a frescura da manhã lhe dava um alliviosinho ao espirito febril, punha-se a pensar vagamente sobre os horrores da noite fúda: um aperto

de coração, que era um remorso, magoava-o e desejava ajoelhar-se aos pés d'aquella santa que era sua Mãe e que o amava tanto e a cujo amor, a toda hora revelado, mudamente em tantos carinhos delicados, a cujo amor tão mal retribuia, elle, tão miseravel que pensara á noite em batel-a!

Tinha então horror de si e maior horror ainda tinha para as noites, as amaldiçoadas noites tão compridas, que lhe tornavam pequeno, muito miseravel o coração...

E nessas alternativas dolorosas, de ternura ás vezes, mais frequentes de aborrecimento, quasi sempre de tedio, um tedio infinito e amargo da sua vida, ia elle vendo passarem os dias, passarem as semanas, os mezes uns aos outros eguaes, ligados por essa morbidez continua que lhe fechava a intelligencia a toda a inspiração, com a sua mocidade tão aborrecida, e arida como uma velhice desgostosa...

Fortaleza—12—8—96.

JOSÉ HELLER

— — —

O presente

Na sala de visitas que stearimas, allumiavam frouxamente de dentro de grandes mangas de vidro, estava reunida a familia:—o velho, a esposa e a moça da casa, filha deste casal ao qual cercou sempre uma inquebrantavel paz feliz.

Pesava uma tristeza somnolenta na physionomia de todos tres e, a espaços, o leque da moça movia-se languoroso como uma asa que se agitasse numa sala deserta—quando o não levava até á bocca para recalcar um bocejo.

O velho tambem bocejava. Não o fazia a bôa senhora, sua esposa, porque se tinha quedado a admirar a chamma das vélas,—tranquillas, vermelhas—uma vaga semelhança de luzes que se accendem á cabeça dos mortos.

Attrahiam-na menos as chammas que as mangas dentro das quaes ellas operavam sua destruição lenta. Aquellas *boccas de sino* de uma reminiscencia sempre presente e sempre querida, faziam-na voltar ao passado, aos tempos do seu namoro com o major Garcia.

E, venturosa, abandonava-se á uma agradável sensação de todo o ser, lançando olhares ungidos de saudade para o exposo e para a filha.

Esta tinha-se levantado e contemplava a rua da janella.

Pelo cimento da calçada, que a chuva molhara, se alastrava docemente a luz dos combustores reflectindo a sombra dos raros transeuntes.

Alguna coisa inquietava-a. Voltava-se para um e outro lado, o talhe curvado para fóra, a formosa cabellereira ondeante.

—Até que enfim! disse,

E, falando para dentro da sala:

—O primo, mamã,

A velha endireitou-se na cadeira, limpo a bocca com o lenço de barba e o velho abotoou o palétot de brim pardo.

—Bôa noite! exclamou alguém assomando á porta da entrada.

Este *bôa noite*, claro e estridente, passou pela sala como uma alegria.

—Olá! o que é feito dessa pessoa? perguntaram a um tempo.

—Ora, occupações, respondeu, sentando-se. E o major como tinha passado?

—Rheumatico, achaques de velho.

—E' o tempo está mau, consolou o moço. Agora mesmo soubera da doença do Araujo.

—Coitado! murmurou D. Maria. De que?

Era de febre.

O major não conhecia o Araujo.

—Aquelle, Garcia, que uma occasião nos trouxe noticia do primo quando estava no Pará.

O major lembrou-se.

—A prima como vac? Interrogou o moço forçando por sorrir.

Que ia *assim*, respondeu muito vermelha.

O primo, Julio Malveira, orçava pelos vinte e tres annos. Regular de estatura e de corpo, alvo e pallido. Era empregado de uma secretaria do governo «simplesmente porque os amigos politicos exigiram seus serviços».

Usava polainas, e o paé lhe deixaria *alguns* contos quando morresse. Tinha um fraco pela dança.

—Ah! uma walsa é a primeira coisa deste mundo! dizia sempre a acariciar a pastinha, o olhar amortecido de satisfação. E repetia esta phrase a proposito de um passeio a cavallo ou da Avenida.

A crenda veio annunciar que o chá estava prompto.

Sentados á roda da mesa de jacarandá trincavam torradas, menos o major que as amollecia primeiramente no chá.

Discutiu-se a proximidad

tigo traste—pesado e raro, onde, nos bons tempos,—contava D. Maria dera muitos jantares a presidentes.

Depois, o primo disse vivamente:

—Comunico-lhes que estou de viagem.

Para onde ia? Interrogaram interessadas as senhoras.

—Vou para a casa. Hoje mesmo recebi carta de lá que me chama com insistência. Não posso deixar de ir. Parto amanhã.

Feitas as despedidas, no seu quarto, a moça considerava nesta viagem intempestiva.

E os moveis que a cercavam, a luz que vinha do céu pelas frinças do telhado, branca, tristemente branca, lhe falaram, subito, da ingratidão do primo, o seu desdém por ella, do seu orgulho, da sua indiferença.

E, como num fundo negro, a lettras prateadas, lhe pareceram ler a rapida historia da sua «desgraça», que repetia, alto, com espinhos a lhe ferirem a garganta.

Mas,—pensou um instante—ella podia odiar ao primo—mesmo apesar da sua ingratidão, mesmo desprezando-a depois de ter gosado as delicias da sua bocca, a falar-lhe do Amor—arvore que, dizia, dava eternamente fructos dourados que o céu abençoava?

Elle podia odiar-o, a elle que lhe tinha offerecido a mais irrecusavel prova de estima?

Levantou-se então do leito, abriu uma gaveta da commoda e durante longos minutos seus olhos devoraram a que uma pequenina caixa de veludo guardava—um brilhante que nasceu, limpo.

Collocando-o no dedo deitou-se novamente a pensar, a pensar que não podia esquecer a quem havia realisado a sua maior aspiração e que tanta inveja causava ás amigas.

Endormeceu com um raio do luar sobre o entumecido e amplo collo branco.

8 de agosto.

ROBERTO DE ALMEIDA.

Historia de um rapto

(EXCERPTO)

Em uma enevoadá manhã de Outubro, ao sahir d'alva, rompia o frouxo arrial das então tortuosas ruas da Fortaleza um comboio, que vinha do sertão e se dirigia ao palácio do governador.

Uma dúzia de bestas de levanta-

do cahiao, com cargas de malas de couro erú, marchavam com tanto alento que não parecia que chegavam de uma viagem de algumas dezolhas de leguas e nem tão pouco pisavam um chão que se afundava até enterrar-lhes o machinho todo.

Uma garôa miuda fustigava a cauda dos comboieiros, que, vestidos de couro acompanhavam a pé os animaes. Na cauda da tropa, cavalgando um mellado cahito, vinha o dono do comboio, um homem de meia idade, branco, vestido de roupa de algodão mineiro.

Os comboieiros eram quatro, todos mestiços, pertencendo á variedade —*caba*—caba qual mais mal encarado e mais topetudo. Não vinham armados. As facas de ponta, inseparaveis dos seus quadris, logo que foram avistadas as primeiras casas da cidade, passaram para dentro das malas de couro de carneiro que vinham no meio das cargas.

O dono do comboio, que era José Maria da Purificação, assim tinha ordenado por não haver licença de se andar armado dentro do Forte, a não serem as autoridades do *real senhor*.

Os cabras, petulantes por indole, mas covardes também, seguiam cabisbaixos, olhando como porco por onde iam passando e prompt's para correr ao menor rumor que os assustasse.

O sol tinha acabado de sahir e a sua luz nascente dourava as folhas das arvores que a garôa havia molhado. Um perfume suave descia do Oiteiro na viração que perpassava pelo cajueiral em flor.

O comboio parou nas immedições do palácio do governador. O ambiente ali impregnado antes somente do aroma suave das flores dos cajueiros, se carregou de um cheiro de ranço, de um odor todo especial de sebo, couro e suor: um cheiro sui-generis de matuto ou de surrão.

José Maria mandou botar as cargas abaixo logo atraz da igreja do Rozario, á sombra do solitario oiteiro, que em todo vigor de sua mocidade e saúde estava luxuriantemente enfolhado.

Descansado o comboio, apeou-se Purificação e sentou-se em uma das macas.

Do corpo da guarda, que ficava proximo, attrahido pelo cheiro do comboio, sahiu um soldado e veio direito ás malas. Avistando José Maria conheceu pelo azul dos olhos e pela tinta branca do rosto que

estava ali um patricio, um leal portuguez.

Saudaram-se e ficaram logo amigos. Poucas palavras bastaram para saberem que ambos eram da mesma freguezia em Traz-os-Montes.

Purificação inqueriu o soldado sobre a pessoa do governador.

—Ah, meu rico senhor, bello homem, mas enquanto não lhe chegam a mostarda ao nariz! Mas para governar esta sucia de perros ao a vergalho e a pelourinho.

—Ca me está a parecer isso mesmo. E com ocla da terra como o nosso amo se conduz?

—Nem heine nem mal. O pobre o servindo e o rico o amando viram-lhe o capuz. Não está a ver os mercadores que chegam? Vem dar a escolher o que trazem das mattas e do rio.

Continuava a palestra, quando o toque da corneta calou o soldado, que se recolheu á guarda.

Purificação, antes que elle soubesse, deu-lhe de mimo um pequeno queijo para captar-lhe a sympathia e obter as informações que precisasse.

O trecho da rua do Rozario estava quasi cheio de vendedores, que em cestos e urús traziam ao mercado diversos artigos comestiveis, como se fosse ali o ponto de tal commercio. Uma variedade de typos todos de cor e alguns interessantes sob o ponto de vista ethnographico, machos e fêmeas, encheia a tortá viella quasi até a praça. Poucos eram os typos puros de indio que se descolriam naquelle ajuntamento; a maioria eram mestiços e entre estes não era raro ver-se as feições chatas do caboclo com pelle quasi branca e cabellos lisos e ruivos. Os olhos destes *sararás* tinham o iris de cor clara, amarella ou esverdeada, porem pequenos e obliquos, como os da raça amarella, e o angulo facial maior que o tupy e menor que o hollandez.

As sete horas da manhã pouco mais ou menos, a um signal do commandante da guarda, desfilou o cortejo de mercadores de rua a fora e embocou no portão de palácio. Aquella procissão deservos submissos ia levar ao governador os fructos de seu trabalho para elle se servir dos que apetecesse e consentir depois que levassem o resto a vender no mercado.

O temor do pelourinho arrebanhava todos os dias os mercadores e nenhum se furtava ao pagamento d'aquelle imposto, d'aquelle pesado

e ilegal tributo exigido arbitrariamente pelo poder da força.

Em exposição os artigos, que eram ordinariamente peixe, fructos silvestres e generos da pequena lavoura, o governador em pessoa ou o seu mordomo ou mordoma escolhia o que mais lhe apetezia com liberalidade, tirava o util e indispensavel e então era aos mercadores permitido vender o resto de seus artigos a quem lhes aprouvesse.

José Maria viu o desfile do cortejo e suppoz ser o mercado dentro do palacio. Levantou-se e foi até junto do portão, que escancarado deixava ver o que se passava no pátio.

Postos em linha os mercadores, tendo em frente os seus artigos, esperavam que fosse tirado o tributo.

E nem um delles denunciava por um gesto sequer a revolta que devia sentir, quando o governador ou o seu preposto tirava quasi tudo o que levava para vender.

José Maria viu aquella repartição, que suppoz compra, mas não viu o pagamento. Lembrou-se então do que lhe havia dito o soldado: estava tudo explicado. Voltou e sentou-se outra vez na maca.

Os mercadores sahiam de palacio: a alguns o estellionato havia quasi depennado. Quando se viram longe dos ouvidos do governador e dos soldados murmuraram amargas queixas, protestaram, porem em voz baixa, contra tão revoltante despotismo.

Um d'elles, um caboclo fornido, ainda novo, com cabellos e olhos de hollandez, no auge da indignação, atirou ao monturo, logo que dobrou o cotovelo da rua, uma cambada de tainhas, que carregava pendurada na extremidade de um páo; deixou-lhas o governador para serem pequenos e magros os peixes, e as nove que tirou darem com sobra para o almoço daquelle dia.

O mestiço revoltado tinha no semblante uns longos tons de altivez; claramente advinhava-se que n'aquelle sangue outros elementos havia que não eram indigenas ou africanos.

Alguns indios haviam sido tambem espoliados, mas nada de revolta se observava no rosto d'elles e dos olhos vivos e lustrosos podia-se afirmar ser o mais calmo, o mais normal o estado do espirito d'aquellas creaturas, pode-se dizer beatificadas.

Depois que o *sarará* atirou fora

as tainhas, sua colera fez explosão assim:

—Forte pouca vergonha a deste marinheiro! A gente leva a noite inteira a tarrafejar, comido pelas *murins* do Uôô, e quando tem a felicidade de pegar o peixe ainda ha de trazel-o e vir entregal-o dado a este puça para elle oncher a barrega com a sua geração! E não haver homem nesta terra que acabe de uma lapada com este desaforo! Até o *muricy*, a mangaba, o *mapuçá*, a *mapirunga*, hão de vir ao *dizmo*, mas a um *dizmo* do diabo que ás vezes deixa a gente sem ter com que comprar a farinha para levar e dar comer aos filhos! Grande desgraça a nossa!

—Cala a bocca, homem, olha que *duzentas* tira couro de onça quanto mais de christão, disse um dos companheiros.

—E' por mode estes *sobroços* que tomaram nossa terra e o diabo de um puça da outra banda açoita os naturaes como captivos!

—Cala-te, homem, que matos têm olhos e paredes ouvidos!...

—Eu queria topar meia duzia da minha natureza que eu mostrava a este puça com quantos paos se fazia uma jangada. Mas o que! não se pode dizer nada que ficam logo a tremer como quem tem *maleitas*. O marinheiro ja tomou o nosso *folgo* e agora come o nosso suor e nós que fiquemos calados senão o chicote trabalha. Grande desgraça a nossa!.. Eu não apparecer um homem que bote para fora este pé de chumbo e o volte para a terra d'elle!..

—Cala e espera, que ja rosnam que vem o imperio pelas bandas do Pernambuco.

—Mas antes que chegue cá terá o diabo d'este individuo comido todos os peixes dos nossos rios e as fructas das nossas mattas. Grande desgraça...

O *sarará* não concluiu a phrase porque o pulso forte de um soldado, um brutalmente portuguez, sahido inesperadamente de um cerrado de jurubebas agarrando-o com violencia pelo gasnete, trovejou com arrogancia:

—Estás preso, perro infame!..

A surpresa estatelou o mestiço, que, passada a primeira impressão, estrebuchou nas garras do soldado, procurando soltar-se, mas embalde.

O acto da prisão dispersou os mercadores, que temendo crime de cumplicidade fugiram a bom correr de rua fura em precipitada delan-

dada, cahindo dos urús e dos cestos os artigos que mercavam.

O *sarará* não estava com medo; outro era o sentimento que o dominava.

De vez em quando mudava de cor como camaleão.

O rosto se congestionava e as tintas quasi violaceas eram manchadas de amarello, deixando ver os matizes das sardas em uma constante alternativa de tons. Se não fosse colhido de supetão o mestiço teria dado azas a sua colera e a sua revolta, fazendo estalar no costado do portuguez o cacete de jucá em que carregava o peixe.

Se impossivel lhe foi tirar o peçoço da mão que o apertava como um torno, quanto mais agora que tinha ambos os pulsos presos por vigorosas mãos de soldados!

O *sarará* espumava de raiva, sentimento este que augmentou quasi até a hydrophobia quando a espada de um dos soldados manejada por possante braço mediu-lhe o dorso inteiro.

O mestiço torceu-se em dolorosa convulsão e rosnou um ganido guttural, um gemido que resumia na pouca altura do som e timbre exquisito todo o odio de uma alma revoltada contra o poder da força, que postergava todas as suas liberdades.

A espaldeiradas fizeram-no marchar até a presença do commandante da guarda, ficando regado o caminho daquelle Calvario do sangue da victima que barbaramente espancavam. Lançavam assim, mas sem saber, na terra as primeiras sementes da arvore da liberdade e que, uma vez germinadas, seria impossivel impedi-las de crescer.

O processo foi summario como a execução da sentença.

Duzentas pranchadas foram mandadas dar no mestiço por ter ousado murmurar contra a pessoa do governador, que era o representante do *real senhor*!.. Executada a sentença quasi morreu o paciente.

RODOLPHO TUKOPHLO

譯

Imprensa litteraria

Conforme promettemos começamos a registrar nesta secção todas as revistas litterarias, do paiz e do estrangeiro, que forem remettidas ao *Pão*. Para hoje temos as seguintes:

—A *Brasa*, n.ºs 26 e 27. Damos o primeiro lugar á formosa revista

ta do Bilac e do Julião como uma prova do apreço que ella nos merece. Estes dois n.ºs que temos á vista estão magníficos de *véree* e de *blague*. A parte artistica do primeiro compõe-se de um bello retrato do Dr. Lucindo Filho,—distinto clinico e homem de letras fallecido ha pouco tempo em Viassouras;—de uma pagina allegorica em homenagem aos dois insignes artista portugueses Vianna da Motta e Moreira de Sá, e de umas espiirituosas caricaturas onde o Julião Machado dá alguns conselhos ao já celebre indio Sepé, que tanto assumpto tem fornecido aos chronistas fluminenses. O segundo n.º, que é o 27, traz o retrato de Coelho Netto, duas paginas occupadas com uma finissima ironia sobre a Ilha da Trindade e um quadro das touradas portuguezas no Rio. O texto de ambos os n.ºs é um verdadeiro primor, a começar pelas esplendidas *Chronicas de Fantasia*. Não ha que ver:—*A Brura* é

hoje a melhor revista illustrada que se publica em lingua portugueza.

—*O Cenaculo*.—fasciculo 16—anno 2.º. Vai de vento em poupa esta revista paranáense. Este fasciculo que temos a vista é mais um attestado do valor litterario da intelligente mocidade curitibana, de cujo seio se destacam os nomes promissores de Dario Vellozo, Silveira Netto, Julio Pernetta, Romario Martins, Leoncio Corrêa e outros de igual valor. *O Cenaculo* é uma revista que faz honra aos moços que a dirigem e ao meio em que se publica.

—*Club Curitibano*, n.º 7.

Aqui está uma outra revista paranáense que em cousa alguma desmerece da primeira. *O Club Curitibano* é um digno emulo do *Cenaculo* e offerece escolhida leitura quer em prosa quer em verso. Vê-se bem que lá pelo Paraná ha estímulo e muito gosto pelas lettras, o que infelizmente não se nota Estado em

tantos outros da União. Que isto sirva de exemplo aos indolentes.

—*Sirius*—n.º 12—anno 2.º. Publica-se mensalmente na Capital Federal e é dirigida esta revista por alguns rapazes inteligentes. O presente n.º traz varios artigos e versos muito reveladores.

—*Congresso Academico* n.º 2.º.—Do Recife recebemos esta publicação que acaba de apparecer ali sob a direcção de alguns academicos e professeres da Faculdade de Direito Pernambucana. Traz collaboração de Clovis Bevilacqua, Rodrigo Costa, Landelino Baptista, Augusto Cavalcanti e outros. Muito bem impressa e bem redigida contem leitura instrutiva e interessante.

..

A todos os collegas nos confessamos reconhecidos e promettemos ser pontuaes na remessa d'O Pão.

SATYRIO ALQUEIRE.

EM VILLEGIATURA

Ao José Carvalho.

Em busca de ares sãoos, fomos outrora
Ao campo pelos bons tempos do inverno,
—Quando a aurea Céres e a irisada Flora
Reinam nestas regiões de sol eterno.

Das injurias do estio,
Daquella quasi morte
O mattagal se via já refeito,
Se expandindo em festões do um verde forte.
Sonoramente escachoava o rio
A rolar no seu leito,
A' cuja beira vozes mil vibrantes
De aves soltavam festivaes descantes.

Nossos peitos hauriam jubilosos
Os effluvios dos ares sertanejos,
Ares cheios de aromas capitosos
E de rumores que parecem beijos...

Uma noite... que noite escura aquella!
Palestrava a mais gente na calçada,
E nós dous á janella
Olhavamo a altura constellada,
Grandiosa e melancholica,
De onde cahiam véos de treva mornos
A envolver os contornos
Da paisagem bucólica.

Syrius brilhava lúida
Sobre o onix do céu ermo de lua,
(O nosso olhar, affeito ao gaz da rua,
Achava a noite mais escura ainda!)

Embaixo, no hervaqal preto dos brejos,
Como um lago as estrellas reflectindo,
Crusavam pyrilampos, despedindo
Azulinos e tremulos lampejos.

Certo, um vago receio
Lhe constringia o espirito medroso,
Que o sitio, á noite, era exquisito e feio,
E o pio lamentoso
Das corujas se ouvia a cada instante.

E demais, que enervante
Historia de duendes se contava
Na roda! Como tremula e plangente
Gemia alem na casa do vaqueiro
A saudosa viola!
E como, a divagar pelo terreiro,
Mugia a espacos tristemente o gado!

Flor que fecha a corolla
A' noite, assim o labio seu rosado
Gravemente fechou-se.
Eu tambem me sentia
Cheio de uma tristeza vaga e doce,
Que a contra gosto a voz me emmudecia

Ha que tempo isso foi! Mas a impressão
Daquella noite me ficou na mente
Fundamente gravada desde então.
Um perfume, uma sombra, um som plangente
—Bastam para eu lembrá-la e no meu labio
Sentir—e como grato me é senti-lo!
O divinal resabio
Do beijo que lhe dei na mão gelada...
—Boa noite! ella, tremendo,
Me disse e no seu quarto entrou correndo.

As portas se fecharam... No ar tranquillo,
Cheio de olor sensual do marmelleiro,
Inda gemia a viola apaixonada,
Vibrada pelos dedos do vaqueiro

Agosto 1896.

SATYRIO ALQUEIRE.

Bibliographia

As ABELHAS. — Luiz Trigueiros. — Lisboa — 1895

De Vianna do Castello, Portugal, recebemos uma pequena brochura, com esse titulo, e que nos foi gentilmente offerecida pelo auctor, o sr. Luiz Trigueiros, distincto e conceituado litterato e jornalista portuguez.

Do sr. Luiz Trigueiros conheciamos já alguns bem lançados artigos publicados no *Jornal de Vianna*, de que é redactor-chefe, em resposta aos ataques gratuitos atirados á litteratura brasileira pelo sr. Neco Carneiro, do *Reporter*, de Lisboa.

Agora o ficamos conhecendo em livro, e as *Abelhas* vieram firmar ainda mais o conceito que já faziamos do seu bello talento.

Tratã-se de uma interessante e bem acabada comedia, em verso, escripta com muita graça, com arte e originalidade. Lê-se de um folego, sem enfado, sem tedio, e ao dobrar-se a ultima pagina tem-se sempre a melhor das impressões, por que a musica rythmada dos versos fica-nos a cantar no ouvido harmoniosamente...

O enredo é muito simples: — D. João de Mello, moço fidalgo e titular, procura entre as filhas de Eva, *abelhas traçoadeiras*, uma que o ajude a fabricar o mel do amor. Encontra Beatriz, a quem procura fazer a corte; mas esta se mostra muito arisca, muito esquivada aos seus galanteios de namorado, foge como uma abelha irrequieta que anda a volitar de flor em flor... D. João não desanima; pede o concurso da Baroneza de S. Bento que põe em pratica toda a sua tactica afim de coadjuvar o moço apaixonado na ardua empreza da conquista de Beatriz. O peor é que a moça em comeco não se deixa apanhar nos laços que lhe arma a *abelha mestra*.

São muito interessantes estes versos ditos por ella em resposta á Baroneza que lhe fala de amor:

« Oh, filha, nem eu sei! Sabida do convento ha pouco tempo ainda eu tenho ouvido já, falar tanto de amor! Mas Deus! Nem sei se ha novidade p'ra mim na formula estafada...

• Soubera, o seu olhar... a pureza, immaculada
• alvura dessa tez... a sua loura trança...
• a ridícula... a gentil... • Ora diz se não cante tanta banalidade ouvir constantemente?!

Segue-se então, depois, invariavelmente, outra cousa peor... o ser-se comparada á rosa e ao jasmim! Conceda que é massada!

Enfim que direi mais! Por mal de minha vida, eu já fui comparada á flôr conhecida!

E' preciso notar, que nem de leve aponto as versões que fiz aqui... e lyrio? não tem cunha! E' logo «anjo do céu...» ou, «anjo incomparavel...»

«Azas brancas de neve», isto é inevitavel em momentos assim! De resto complacente eu ouço cousas taes! Aguardo finalmente que Deus me levarei em conta estes becos do martyrio cruel, em troca dos meus pecados!

...

E assim, galhofeira, a bella apaixonada de D. João de Mello fugia ás armadilhas da Baroneza, onde veio por fim de contas cahir.

E aqui está, em poucas palavras, contada a graciosa comedia do sr. Luiz Trigueiros.

A maioria dos versos que são correctos e espontaneos, emolduram quasi sempre bonitas imagens, originaes e novas.

O distincto poeta portuguez foi inspirado e feliz escrevendo uma comedia para ser representada em familia, na intimidade do lar. E nós, dando-lhe aqui a nossa franca impressão pessoal, não podemos deixar de reconhecer que as *Abelhas* são um trabalho bem feito.

Para concluir, mais uns interessantes versos da graciosa comedia do sr. Luiz Trigueiros. E' a Baroneza quem fala á Beatriz quando a tem vencida pelos galanteios de D. João de Mello.

Tens razão, certamente, porem és bem severa!
A missão da mulher, missão fagueira,
é converter em doce primavera
uma existencia inleira...
Luctar, eternamente!
E deixa-me dizer,

que não é indifferente
luctar para viver!
Mas, quando acaso vem
a lugubre invernada
ficar-se resignada
a contemplar os céus...
não é para quem tem
uns olhos como os teus!...

Confessem as nossas leitoras que isto é bonito e bem feito. E o sr. Luiz Trigueiros que accete os nossos sinceros parabens de envolta com os mais francos agradecimentos pelas lisongeiras expressões de que se serviu no offerecimento que nos fez de um exemplar das *Abelhas*.

S. B.

—Dario Velloso—*Esquifes*—Coritiba. 1896.—Pormais que progrida, jamais conseguirá esta pobre humanidade pôr-se ao abrigo das mystificações. Não ha idéa extravagante que não encontre proselytos desde que um fanatico as propague com calor e convicção. Os mais lucidos espiritos se obseam e a ponto de quere-m transmittir á fina força suas crenças e manias aos outros, não contentes de possuil-as sosinhos.

Na litteratura deu-se ha pouco tempo uma curiosa mystificação com o apparecimento do decadismo, *symbolismo nephelibatismo* ou como quer que se chame.

E' ocioso dizer que a tal escola surgiu em Paris, sob os auspícios do meigo e desequilibrado Verlaine.

O desequilibrio de Verlaine desequilibrou uma boa phalange dos *noros* francezes, que entraram a escrever cousas sybillinas, arrevesadas e abracadabrantes.

Jean Remi assim os descreve:

« Uns têm a prudencia de não escrever e dar somente esperanças. Outros têm a prudencia de escrever confusamente. Como o publico não comprehende, diz se que a obra é absurda ou genial. Mas para ser absurda, seria demasiadamente absurda. Conclue-se então que é genial. »

Eis ahi como se formou o criterio publico sobre os decadistas, que dentro de pouco tempo tinham sectarios em toda a parte, inclusive no Paraná, na pessoa do sr. Dario Velloso.

Este cavalheiro tomou a coisa ao serio, obseou-se e... jáz começou a escrever, no estylo dos Gongoras do *Quartier Latin*, um livro que, não sabemos porque, chamou *Esquifes*.

Acabamos de folhear esta obra e nella encontramos a forma palavrosa, descon-junctada e confusa, caracteristica do decadismo.

Disparates, maiusculas, pieguices subtilissimas—eis a receita para fabricar livros como o do sr. Dario Velloso.

Acreditamos entretanto que o auctor dos *Esquifes* seja um rapaz bem intencionado e não tenha o proposito de mystificar-nos, agindo simplesmente sob a influencia do pesadello que em má hora se apoderou de sua musa.

Mas quanto melhor seria que o sr. Velloso trabalhasse numa obra sadia e simples, em vez de andar a imitar esses « *petits chinois industrieux, travaillant à de subtiles œuvres d'art, qu'il admirent entre eux, faute d'un public pour les comprendre* »!

Hamanise-se o sr. Velloso, escreva cousas no genero do *Althaus*, pouha fora toda essa traquitanda de termos esquipaticos e construcções bisarras, convencendo-se de que a extrema perfeição em tudo consiste na extrema simplicidade.

..

—Tenente-coronel Raymundo Cyrillo Alves da Cunha—*Paranenses illustres*—Paris, 1896.—São vinte e sete biographias ligeiras escriptas com singeleza, parecendo com o fito de ser, a obra adoptada nas escolas.

Pensamos que ella preenche bem esse fim e que o auctor prestou um bom serviço á infancia da sua terra familiarizando-a com a historia dos seus conterraneos notaveis.

M.

Carteira

Arthur Theophilo

No ultimo paquete do norte trouxe passagem para Manaus este nosso presadissimo consócio.

Muitos amigos acompanharam-no ao ponto do embarque, tendo elle recebido por essa occasião inequivocas provas de sympathia e estima.

Boa fortuna e breve regresso anhelamos ao nosso bom companheiro.

..

Na sua ausencia assumiu o nosso confrade José Carvalho, a gerencia desta revista; com elle se deverão entender os interessados sobre assumptos que dizem respeito á parte economica da mesma.

Estevam Baptista

No Recife, contando apenas 20 annos de idade finou-se ha pouco o desventurado moço, cujo nome encima estas linhas.

Enviamos a todos os seus parentes e especialmente ao seu desolado irmão, nosso companheiro Sabino Baptista as nossas condolencias.

José Heitor

Publicamos hoje um bello trecho de prosa de José Heitor, o distincto moço paranense, ultimamente accedido ao nosso serio correspondente em Cametá.